



ISSN 2318-5104 | e-ISSN 2318-5090

CADERNO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

*Physical Education and Sport Journal*

[v. 16 | n. 1 | p. 21-30 | 2018]

RECEBIDO: 30-01-2018

APROVADO: 21-02-2018

ARTIGO ORIGINAL

## DOSSIÊ LUTAS

### Perfil dos professores de judô do Estado do Paraná - Brasil

*Profile of judo teachers from the State of Paraná - Brazil*

DOI:

Alexandre Miyaki da Silveira, Douglas Yuji Takeda Violin,  
Giuliano Gomes de Assis Pimentel

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

#### RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar o perfil dos professores de judô do Estado do Paraná. Essa pesquisa caracterizou-se como um estudo descritivo de cunho qualitativo. A amostra foi composta por 64 professores de judô do Estado do Paraná. O instrumento utilizado para coleta de dados foi um questionário semiestruturado, com questões abertas e fechadas. Para a análise dos dados foi utilizado a análise de conteúdo e a estatística descritiva (média, percentual e desvio padrão), além de tabelas para apresentação dos resultados. Os resultados apontaram que a maioria dos professores de judô são homens, graduados ou se graduando em educação física; todos têm um prolongado tempo de prática (28,48 anos) e o principal objetivo com o judô é formar cidadãos. Em conclusão, a prática pedagógica dos *senseis* do Paraná vem aos poucos se alterando e se aproximando de modelos pedagógicos da educação física contemporânea. Para esses professores, o judô ainda é uma prática educativa, disciplinadora e formadora de caráter. Esse discurso educativo é atualizado ao presente por meio de dispositivos pedagógicos e lúdicos no ensino do judô no Paraná.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Física; Artes Marciais; Ensino.

#### ABSTRACT

The present study aimed to analyze the profile of judo teachers from the State of Paraná. This research was characterized as a qualitative descriptive study. The sample was composed by 64 judo teachers from the State of Paraná. The instrument used for data collection was a semi-structured questionnaire, with open and closed questions. For data analysis, it was used a content analysis and the descriptive statistics (mean, percentage and standard deviation), as well as tables for the results presentation. The results pointed out that the majority of judo teachers are men that who are graduated or are graduating in physical education; all of them have a long practice time (28.48 years) and the main objective with judo is to train citizens. In conclusion, the *senseis* pedagogical practice from Parana has been changing gradually and approaching to pedagogical models of contemporary physical education. For these teachers, judo is still an educational practice, disciplinary and a form of character formation. This educational speech is updated to the present through pedagogical and ludic devices in the judo teaching in Paraná.

**KEYWORDS:** Physical Education; Martial Arts; Teaching.



Direitos autorais são distribuídos a partir da licença  
Creative Commons  
(CC BY-NC-SA - 4.0)



## INTRODUÇÃO

O judô é uma arte marcial japonesa cuja sistematização por Jigoro Kano data de 1882. Naquela época o principal objetivo da nova prática era educativo, auxiliando a formação do caráter dos homens e consequentemente contribuindo à modernização da sociedade em equilíbrio com a tradição (KANO, 2008). Com esse objetivo o judô se difundiu rapidamente no Japão e no mundo. Entretanto, a expansão maior dessa arte aconteceu logo após a 2ª Guerra Mundial, com o processo de esportivização do judô. De acordo com Goodger e Goodger (1977) e Fushimi (1992), o judô foi o esporte que mais cresceu mundialmente pós-segunda Guerra Mundial.

No Brasil, o judô chegou com a imigração japonesa por volta de 1920. Os imigrantes difundiram práticas corporais como o *beisebol*, o *kendô*, o *sumô* e o *undokai* (gincana), que se propagaram entre os brasileiros (SUZUKI, 1994). Sem dúvida o judô foi a mais difundida entre a população brasileira não-nipônica. Já nos anos 1930 e 1940 se verificava proliferação de academias no território nacional. Eram poucas as cidades estruturadas que não tinham uma academia de judô (ISHII, 2015; MESQUITA, 2014; VIRGILIO, 1986).

Carregando fortes traços da cultura japonesa e da forma de ensino, o judô é a mais importantes modalidades esportivas do país. De acordo com o Comitê Olímpico Brasileiro (COB)<sup>1</sup> é o esporte nacional que mais trouxe medalhas olímpicas para o Brasil. Com isso alcançou status e respeito mundial e está entre os países melhores ranqueados de acordo com a Federação Internacional de Judô (FIJ)<sup>2</sup>.

No Paraná, a imigração japonesa chegou por volta de 1932 e foi importante na ocupação territorial da região Norte. O judô foi uma das formas de intercâmbio cultural entre nipo-brasileiros e as outras etnias presentes no estado. Atualmente, conforme estudo de Silveira (2017), podemos identificar que o judô está disseminado no Paraná, carregando vertentes de ensino que poderíamos denominar de tradicional, esportiva, e lúdica. Cada uma dessas metodologias busca objetivos diferenciados, mas em comum enunciam a educação disciplinada do praticante. Com isso, dada essas diferentes formas de ensinar o judô, há uma lacuna no conhecimento sobre como se dá a formação do *sensei* e se há um perfil profissional específico para cada forma de ensino.

Diante desse cenário e verificando as mudanças na sociedade contemporânea e como o judô vem sendo ensinado no Estado do Paraná, surgiu a seguinte questão: *quais as características do ensino e dos professores de judô do Estado do Paraná?* Assim, o nosso objetivo foi analisar o perfil dos professores de judô e das suas aulas ministradas, no Estado do Paraná.

## MÉTODOS

O Essa pesquisa caracterizou-se como um estudo descritivo de cunho qualitativo. Segundo Rudio (1989), a pesquisa descritiva busca “conhecer e interpretar a realidade, sem nela interferir para modificá-la”. O aspecto qualitativo, de acordo com Thomas e Nelson (2002), procura compreender e interpretar o porquê da realidade investigada considerando as relações sociais.

A amostra foi composta por 64 professores de judô do Estado do Paraná, sendo 60 do sexo masculino e 04 do sexo feminino. Como critério de inclusão, foram selecionados somente os professores responsáveis (professores auxiliares não participaram do estudo); graduados faixas pretas acima<sup>3</sup> e que ministravam aulas de judô independentemente do tipo de instituição: escola, clube, academia, associação, etc.

O instrumento utilizado para coleta de dados foi um questionário semiestruturado, com questões abertas e fechadas, validado por cinco professores doutores da Universidade Estadual de Maringá (Pr). Os questionários foram aplicados aos sujeitos nos principais eventos da FPrJ do primeiro semestre de 2016 (curso

<sup>1</sup> Ver mais em: <https://www.cob.org.br/pt/time-brasil/brasil-nos-jogos/medalhas-do-time-brasil>

<sup>2</sup> Ver mais em: <https://www.ijf.org/>

<sup>3</sup> De acordo com o sistema de graduação do judô, existem 10 graus (dans) na escala após a faixa preta, sendo a graduação do 1º ao 5º dan faixas da cor preta; do 6º ao 8º dan a cor das faixas é vermelha e branca e o 9º e 10º dan, que é a graduação máxima do judô, a cor é vermelha. Ver mais em: [www.paranajudo.org.br](http://www.paranajudo.org.br)

de capacitação e credenciamento de técnicos<sup>4</sup>, competições estaduais e treinamentos). Foram distribuídos 125 instrumentos, destes retornaram 82, sendo que 18 foram excluídos por estarem preenchidos parcialmente ou pelos critérios de inclusão. Os questionários foram entregues no início do evento e recolhidos ao final destes. Dois pesquisadores do estudo permaneceram no evento para sanar dúvidas dos sujeitos. Todos os participantes do estudo assinaram (TCLE) termo de consentimento livre e esclarecido. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê Permanente de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da UEM, sob o Parecer nº: 1.562.293.

Para a análise dos dados foi utilizada a análise de conteúdo e a estatística descritiva (média, percentual e desvio padrão), além de tabelas para apresentação dos resultados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra de nosso estudo apresentou uma idade média de  $40,22 \pm 13,18$  anos, e o tempo de prática de judô de  $28,48 \pm 11,54$  anos. Como característica, as artes marciais, lutas e esportes de combate, apresentam um prolongado tempo de prática. Geralmente os judocas iniciam sua prática ainda crianças e seguem até a vida adulta. Dessa forma, a formação de faixas pretas de judô trilha por um longo e criterioso processo, que se inicia pelos exames de graduação na academia ou associação, que segue as recomendações da Confederação Brasileira de Judô (CBJ), e das Federações em relação aos critérios de idade, carências e conteúdo dos exames, e culmina no exame para faixas pretas realizado pelas federações estaduais.

Recentemente, a Federação Paranaense de Judô (FPrJ) instituiu que os exames para a faixa marrom também devem ser realizados por esta instituição, em uma tentativa, talvez, de garantir o conhecimento mínimo para a faixa preta e minimizar distorções que possam existir no Estado. Portanto, o tempo de prática elevado encontrado em nossa pesquisa, mesmo entre os mais jovens, pode ser justificado pelo início precoce na modalidade. Em relação ao local de trabalho, os participantes do estudo ministram as aulas de judô predominantemente nas academias, associações desportivas e clubes.

**Tabela 1.** Carga horária semanal ministrada pelos professores de judô do Paraná.

Horas/semana	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Menos de 10h	23	35,9%
Entre 10 e 20h	21	32,8%
Entre 21 e 30h	9	14,1%
Entre 31 e 40h	9	14,1%
Mais que 40h	2	3,1%
<b>N total</b>	<b>64</b>	<b>100%</b>

De acordo com carga horária semanal, 35,9% dos professores ministram menos de 10h/a semanais, 32,8% ministram entre 10 e 20h/a semanais e 27,3% trabalham acima de 20h/a semanais com o judô (Tabela 1). Apesar de aproximadamente 80% dos professores serem da área da educação física, nem todos atuam somente com o judô, ou seja, 59,4% ministram aulas de judô como atividade principal e dependem exclusivamente dessa prática para seu sustento e 40,6% ministram aulas de judô como atividade complementar (Tabela 2).

É comum no ensino das artes marciais ex-praticantes se graduarem faixas pretas ou até mesmo com graduação inferior e ministrarem aulas como complemento de renda ou mesmo sem interesse financeiro, quando profissionalmente possuem outras ocupações e fontes de renda. Por outro lado, há outros aspectos

<sup>4</sup> Este curso é realizado no início de cada ano e é obrigatória a participação de todos os técnicos e professores de judô que atuam em eventos oficiais da Federação e Confederação. Apesar do estudo não apresentar um número exato dos professores que atuam com judô no Paraná, acreditamos que o quantitativo da amostra seja representativo pois existem cadastradas na FPrJ 71 instituições de judô.

que podem justificar que a maioria trabalhe em tempo parcial com o judô. O primeiro, é a dinâmica das aulas de judô, muito voltadas para crianças no contra turno das escolas, o que limita os horários em que há demanda para abrir turmas. No âmbito competitivo, geralmente os treinamentos são ministrados após as 18 horas, em função da disponibilidade dos praticantes (muitos estudam ou trabalham o que restringe os horários para o período noturno). Com isso, é necessário complementar a renda com outros trabalhos. Por fim, conforme a tabela abaixo, a graduação em Educação Física abre portas para outros mercados (escola, lazer, academia).

**Tabela 2.** Formação profissional dos professores de judô do Estado do Paraná.

Formação	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Graduação em Educação Física	43	67,2%
Acadêmico de Curso de Educação Física	7	10,9%
Curso superior incompleto	6	9,4%
Outra formação Superior	8	12,5%
<b>N total</b>	<b>64</b>	<b>100%</b>

Em relação à formação profissional, observamos que a maioria (78,1%) dos professores de judô são graduados ou estão se graduando em educação física e os demais (21,9%), possuem formação superior ou curso superior incompleto em outras áreas (Tabela 2). De acordo com esses resultados, verificamos que, especificamente no Estado do Paraná, há uma tendência dos professores de judô vinculados à FPrJ, buscarem a formação em educação física.

Os resultados encontrados por Cavazani et al. (2013) e Maduro (2011), que pesquisaram técnicos e treinadores de judô de São Paulo e do Rio Grande do Sul, indicou índices menores de professores de judô graduados e graduandos em educação física em relação ao nosso estudo. Apesar dessa graduação não ser um requisito para atuar como “professor/instrutor” de judô, após o surgimento do sistema CREF/CONFEE<sup>5</sup>, houve um aumento de professores de judô graduados em educação física. Entretanto o conhecimento científico adquirido na academia (universidade) encontra-se ainda desconexo com a prática dificultando a aplicação deste no ensino do judô (CAVAZANI et al., 2013).

A criação do CONFEE (Conselho Federal de Educação Física), pela Lei Federal nº 9.696, de 1º de setembro de 1998<sup>6</sup>, apontou para uma aproximação das práticas marciais com a educação física no Brasil. A vinculação dos instrutores, mestres e treinadores de artes marciais, lutas e esportes de combate ao sistema CREF/CONFEE parecia ser algo natural e poderia indicar uma mudança no estatuto científico-pedagógico dessas práticas, uma vez que haveria a obrigatoriedade desses indivíduos buscarem a formação superior no curso de educação física. Para aqueles que tiveram seu direito adquirido antes da promulgação da lei, foram oferecidos cursos e capacitações geralmente vinculados a uma instituição de ensino superior. A estes foram garantidos os direitos de ministrarem aulas, especificamente de artes marciais, sendo legalmente credenciados no sistema CREF/CONFEE como provisionados<sup>7</sup>.

Entretanto, não houve consenso nacional a respeito dos técnicos/treinadores/instrutores de artes marciais necessitarem ou não da formação em educação física. Como resultado, essas práticas corporais foram enquadradas como atividades culturais e, portanto, não sujeitas à submissão do CONFEE, ao qual regulamenta e fiscaliza especificamente os profissionais de educação física. Mesmo assim, vários mestres de judô e de outras artes marciais optaram por fazer o curso de educação física (DRIGO et al., 2011).

Essa alta relação entre graduados em Educação Física e *senseis* credenciados à FPrJ nos fez suspeitar

<sup>5</sup> O CONFEE (Conselho Federal de Educação Física) foi criado em 1º de setembro de 1998 com a Lei Federal 9696/98, regulamenta a profissão de educador físico. Os CREF (Conselhos Regionais de Educação Física) são delegacias estaduais que fiscalizam cada região do país.

<sup>6</sup> Ver mais em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9696.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9696.htm)

<sup>7</sup> Provisionado: conceder provisão a (alguém) para exercer, como prático, certas profissões. O termo identifica uma autorização para o exercício profissional, porém com certas restrições. A lei assegura o exercício da profissão aos que já a exerciam antes da nova legislação. Estes têm direito adquirido, de acordo com a legislação anterior, nos moldes do que já faziam, desde que se inscrevam no respectivo Conselho Profissional. [www.confef.org.br](http://www.confef.org.br)

que a tendência de usar jogos no ensino de lutas (PEREIRA et al., 2017) poderia ser significativa. Afinal, é de se supor que os debates sobre aulas lúdicas e pedagogização do esporte estejam presentes nos currículos de graduação na área. Mas o que a realidade dos dados nos reportou sobre essa hipótese?

Em relação ao aspecto pedagógico, foi questionado aos professores de judô se utilizam ou não elementos lúdicos (jogos e brincadeiras) em suas aulas. De acordo com a tabela 3, 96,9% afirmaram que em algum momento da aula utilizam a ludicidade com seus alunos. Apenas um dos participantes afirmou não utilizar atividades lúdicas e outro participante não respondeu essa questão. Tais resultados indicam que a prática pedagógica dos professores de judô está gradativamente se alterando, pois tradicionalmente, as artes marciais seguem padrões rígidos na sua forma de ensinar, inclusive o judô.

A esse respeito, conforme afirma Mesquita (2014), por volta de 1908, no início da implantação do judô no Brasil, havia um predomínio de mestres japoneses, que trouxeram consigo costumes, tradições e a forma de ensino dos antigos samurais. Corroborando com essa colocação, Ruffoni (2004) e Santos (2014) destacam que, caracteristicamente, o ensino tradicional do judô é centrado no professor e o estilo utilizado é o comando, seguindo o modelo militarista. Esse modelo autoritário, com práticas de treinamento muitas vezes equivocadas e baseadas no empirismo, com castigos e punições e sem diálogo entre o *sensei* e aluno, ainda reflete as práticas dos antigos samurais Japão feudal. Modelo esse, adotado no início da implantação do judô no Brasil pelos imigrantes e os genearcas do judô nacional e presente ainda na prática pedagógica de muitos *senseis* do país.

De acordo com Drigo (2007) e Maduro (2011), o ensino do judô no Brasil segue o que se chama de “escolas de ofício”. Neste modelo do tipo ‘mestre-aprendiz’ ou ‘tutor-discípulo’, o praticante segue as orientações do mestre sem questioná-las, sendo este a autoridade máxima enquanto o aprendiz deve ser totalmente submisso. Os autores ainda afirmam que, quando estes aprendizes se tornam *senseis*, reproduzem o modelo de aula que aprenderam quando eram discípulos, independentemente de sua formação acadêmica. Logicamente que essa interação ‘mestre-aprendiz’ na contemporaneidade está aos poucos se modificando, principalmente em relação às práticas pedagógicas com crianças e adolescentes. Como verificado em nosso estudo, os relatos da utilização da ludicidade demonstram modificações no ensino do judô, dessa forma, acreditamos que tais alterações, são oriundas da aproximação entre o judô e a educação física. Nesse sentido, essa ‘apropriação’ de elementos pedagógicos da educação física vem permitindo a pedagogização do judô e conseqüentemente promovendo um deslocamento do seu modo de ensinar. Mudanças nos aspectos didáticos e metodológicos foram incorporadas nas aulas, o foco de ensino, antes centrado no professor foi transferido para o aluno e a relação mestre-aprendiz se tornou mais interativa. Assim, os métodos de ensino, antes considerados “tradicionais”, aos poucos vão sendo substituídos por métodos das ciências do esporte e, mais recentemente por modelos pedagógicos da educação física contemporânea (SILVEIRA, 2017).

**Tabela 3.** Principal objetivo do *sensei* quando ensina judô..

Principais Objetivos	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Formar cidadão	39	60,9%
Formação Global	13	20,3%
Divulgar e Expandir o Judô	5	7,8%
Transmitir conhecimento	3	4,7%
Financeiro	3	4,7%
Não Respondeu	1	1,6%
<b>N Total</b>	<b>64</b>	<b>100%</b>

Foi questionado aos professores de judô do Paraná qual era o seu principal objetivo ao ensinar o judô a seus alunos. Os dados da Tabela 3 demonstram que a maioria dos professores (81,2%), tem como principal objetivo formar cidadãos ou auxiliar na formação global dos praticantes, ou seja, exaltam em seu discurso o aspecto formativo/educacional que o judô pode proporcionar. O restante dos participantes da pesquisa (18,8%), apresentaram objetivos diversos, conforme demonstrado na tabela acima.

A percepção do senso comum sobre o judô, é que este, como arte marcial e esporte, remete às condutas de disciplina, de respeito, de hierarquia e de cumprimento às regras. Esse 'discurso' concebido por Jigoro Kano, em 1882, acompanha o judô desde sua criação e confere o status de uma arte marcial educativa e que pode auxiliar na formação do caráter de seus praticantes.

**Tabela 4.** Aspectos MAIS importantes priorizados nas aulas de judô.

Formação	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Educacional/filosófico	49	76,6%
Técnico	10	15,6%
Competitivo	4	6,3%
Físico	1	1,6%
Outros	0	0%
<b>N Total</b>	<b>64</b>	<b>100%</b>

De acordo com Silveira (2017), muitos desses *senseis*, principalmente os mais antigos, tiveram experiências positivas com o judô, as quais interferiram em suas condutas para se tornarem pessoas melhores. Logo, acreditam veementemente que essa prática marcial pode intervir na formação de seu praticante pois são produto dessa relação. Assim utilizam e repassam para os demais praticantes o discurso de que a prática do judô 'forma cidadãos de caráter para contribuir com a sociedade', discurso esse criado há mais de 100 anos por Jigoro Kano para qualificar o judô.

**Tabela 5.** Aspectos MENOS importantes priorizados nas aulas de judô.

Formação	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Competitivo	40	62,5%
Técnico	5	7,8%
Físico	5	7,8%
Educacional/filosófico	3	4,7%
Outros	11	17,2%
<b>N total</b>	<b>64</b>	<b>100%</b>

A Tabela 4 apresenta os resultados sobre os aspectos mais importantes que os professores priorizam nas aulas de judô. Os dados demonstraram que 76,6% dos participantes enfatizam os aspectos educacionais e filosóficos. O aspecto técnico aparece em segundo lugar com 15,6%, seguido do aspecto competitivo com 6,3%. Apenas um dos participantes afirmou priorizar o aspecto físico em suas aulas.

Também foi questionado aos participantes qual aspecto tem menos importância nas aulas de judô. De acordo com os dados, o aspecto competitivo é o item menos priorizado nas aulas com 62,5% das respostas. Os aspectos técnicos e físicos estão na sequência com 7,8% cada. O aspecto educacional/filosófico apresentou

4,7% das respostas, e outros aspectos diversos representaram 17,2%.

Os dados das Tabelas 4 e 5 apresentam uma coerência nas respostas dos participantes da pesquisa quando estes remetem ao objetivo de formar cidadãos priorizando o aspecto educacional/filosófico nas aulas em detrimento do competitivo. Entretanto devemos lembrar que o judô – arte marcial vem sofrendo hibridações desde a 2ª Guerra Mundial e através de seu processo de esportivização. De acordo com Goodger (1981), Fushimi (1992) e Villamón et al. (2004), para os ocidentais, há uma dificuldade de entendimento, dos aspectos orientais da filosofia e espiritualidade japonesa. Os princípios do judô foram adaptados ao Ocidente e gradativamente foram se transformando de princípios educacionais e de formação para princípios voltados ao esporte e suas regras. Após a inserção do judô como esporte olímpico em 1964, essa relação com o esporte se intensificou, promovendo mudanças na relação *sensei*-aprendiz que se tornou uma relação técnico-atleta voltado para o rendimento esportivo.

Especificamente no Brasil, a perspectiva adotada na educação física nas décadas de 1970, 1980 e 1990 era a esportivista. Os governos militares que assumiram o poder em 1964 adotaram o esporte como base ideológica para transformar o país em uma potência esportiva mundial (BRASIL, 1997; DARIDO, 2012). Coincidentemente, em 1964 na Olimpíada de Tóquio, o judô entra no rol de esportes olímpicos, sendo esta a sua primeira participação. Geralmente, as modalidades que se tornam olímpicas tem mais oportunidades de crescimento e difusão, geram mais patrocínios e visibilidade aos atletas, aumentando o interesse na prática de determinado esporte. No Brasil, gradativamente o judô foi conquistando medalhas internacionais e aumentando seu status no nível nacional e internacional. Isso permitiu ao judô uma exposição maior na mídia, o que contribuiu para o aumento a massificação do judô como esporte.

A proximidade dos métodos do regime militar com a educação física permitiu o desenvolvimento desta baseada nos pressupostos das ciências naturais, ou seja, no biologicismo, no tecnicismo, no higienismo e com ênfase no rendimento e nos resultados (BRACHT, 1993; 1999; LOBO FILHO, 2003). Tais métodos se identificavam com o ensino tradicional do judô e foi rapidamente incorporado à sua prática. Aliava-se então a rigidez da disciplina oriental com os métodos militaristas de treinamento, voltado para o rendimento e a seleção dos mais habilidosos.

Esse modelo parece ter vigorado até os anos de 1990, pois findado o regime militar no Brasil iniciou-se profundas modificações no modelo de educação física do país. A educação física contemporânea sofreu influência de várias correntes e teorias da psicologia, da sociologia, da filosofia e da educação, aproximando essa área de outras ciências (humanas e sociais), na busca de articular e desenvolver as múltiplas dimensões do ser humano (RAMOS, 1982; RIBEIRO, 1986; BRASIL, 1997; BRACHT, 1999; 2003; 2005; LOBO FILHO, 2003).

Nesse sentido, com base nos dados das Tabelas 3 e 4, verificamos mudanças na mentalidade dos professores em relação às prioridades de ensino do judô. É nesse contexto, de aproximação de modelos pedagógicos da educação física, que os *senseis* estão adquirindo seus conhecimentos e adaptando-os, permitindo um deslocamento na forma de ensino do judô quando afirmam que sua prioridade não é a competição e o rendimento.

Como afirmado na tabela 5, o aspecto mais enfatizado nas aulas foi o educacional/filosófico, entretanto, Santos et al. (1990) apresentou em seu estudo dados que demonstraram o desconhecimento da maioria dos professores e técnicos do Estado do Paraná a respeito dos princípios filosóficos do judô. Em estudo mais recente, Silveira (2017) verificou que professores de judô mais jovens (abaixo de 30 anos), desconhecem ou conhecem parcialmente os princípios do judô, apesar de afirmarem utilizar esses princípios em suas aulas. Apesar desse desconhecimento ou conhecimento parcial, foi possível verificar que o tempo de prática desses professores como aprendizes e posteriormente como *senseis*, é um tempo prolongado e seu saber tácito (experiential) foi incorporado ao longo desse tempo. Dessa forma, os princípios filosóficos inerentes ao judô são incorporados no dia-a-dia da prática e mesmo não sendo explicitamente discutidos e refletidos, são subjetivados no sujeito-judoca em um processo mimético que resgata o discurso dos primórdios do judô.

Nosso estudo também questionou os participantes sobre as formas de atualização de conhecimento as quais eles utilizavam para ficarem informados. De acordo com a Tabela 6, verificamos que as três principais fontes de informações são os livros (25,1%), os cursos (22,2%) e a internet (19,9%). Nessa questão os participantes puderam escolher mais de uma opção. Também foram citadas outras fontes como artigos científicos (23,4%); contato com demais professores (20,3%); vídeos técnicos (17,2%); competições (12,5%); intercâmbios com

outras associações (10,9%) e outros (3,1%).

**Tabela 6.** Fontes e recursos citados pelos professores como forma de atualização de conhecimento.

Número de fontes	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Livros	43	25,1%
Cursos	38	22,2%
Internet	34	19,9%
Artigos	15	8,8%
Outros professores	13	7,6%
Vídeos	11	6,4%
Competições	8	4,7%
Intercâmbios	7	4,1%
Outros	2	1,2%
<b>N total</b>	<b>171</b>	<b>100%</b>

Apesar da escolha múltipla, a maioria dos participantes utiliza como recurso de atualização do conhecimento os livros. Inferimos que o aumento da produção do conhecimento na área acadêmica por meio de artigos científicos, dissertações e teses, ainda apresenta impacto modesto na intervenção profissional. Por outro lado, a produção ainda é pequena no mundo acadêmico e muitas vezes não chega de forma adequada aos professores de judô. Em acréscimo, a maior parte dos estudos é de natureza biodinâmica (fisiologia, biomecânica, treinamento), reforçando a carência de produções voltadas ao ensino (CORREIA; FRANCHINI, 2010).

De forma mais tradicional, a utilização dos livros ainda é um recurso aos *senseis* de judô. Parte dos livros data das décadas de 60, 70 e 80 e são apenas reeditados pelas editoras. A maioria deste acervo se dedica ao aspecto técnico-competitivo, demonstrando novas metodologias de treinamento ou variações técnicas. Esse viés tecnicista e esportivista dos anos de 1980 e 1990 ainda se encontra presente na forma de ensino do judô e na produção do conhecimento sobre lutas em periódicos de impacto da educação física (CORREIA; FRANCHINI, 2010).

Os cursos oferecidos pelas Federações e Confederação de Judô também foram citados como uma das principais fontes de conhecimento. Muitos desses cursos são voltados para a atualização das regras de arbitragem que são modificadas de tempos em tempos. Técnicas proibidas, mudanças de penalização e pontuação, regras de materiais e equipamentos entre outras são informações que os professores procuram, principalmente àqueles que participam de competições estaduais, nacionais e internacionais.

O terceiro recurso mais utilizado pelos participantes do estudo é a internet. A facilidade para a busca de conhecimento por esta fonte deu agilidade para que as informações chegassem aos pontos mais distantes onde se pratica o judô. Apesar da necessidade da seleção dos conteúdos, esse instrumento se tornou um importante recurso na busca de informações sobre a própria prática. Por outro lado, as diferentes fontes de informações que os praticantes utilizam sobre o judô, em especial a internet, vem ao encontro das alterações da relação mestre-aprendiz que estão acontecendo atualmente. Anteriormente o *sensei* era detentor único do saber, possuindo um controle quase que inquestionável sobre o aluno. Nessa nova relação, existem outras fontes de informações que podem questionar seus ensinamentos. Além disso, é preciso lidar com uma nova geração de praticantes mais impaciente, interativo, conectado e com fácil acesso à informação). Interagir eficazmente com essa nova relação passa a exigir do mestre a busca de novos conhecimentos (em livros, na educação física, em cursos de atualização, por exemplo), buscando equilibrar essa relação *sensei*-aluno, que no tempo presente é mais dinâmica (SILVEIRA, 2017).



## CONCLUSÃO

Apresentamos dados do perfil dos professores de judô e buscamos sua caracterização. No ensino do judô no Paraná há o predomínio do sexo masculino, cuja vasta experiência se dá inicialmente como praticante e posteriormente como *sensei*. Isso poderia significar apego à aula tradicional. Mas, ao observar aspectos importantes da prática pedagógica desenvolvida para essa arte marcial, verificamos que, do ponto de vista pedagógico, a aproximação da maioria dos *senseis* com a educação física vem facilitando a “pedagogização” e a “ludicização” do judô no Paraná. Os modelos de aulas tradicionais estão aos poucos sendo substituídos por concepções mais modernas da educação física ou do treinamento desportivo. Isso compele esses professores na busca de atualização e informação, encontradas principalmente nos livros, nos cursos e na internet.

Apesar das mudanças (pedagógicas, técnicas e na própria filosofia), que o judô vem sofrendo ao longo do tempo, este ainda preserva no imaginário social o discurso de uma prática educativa, disciplinadora e formadora de caráter. Em que pese o desconhecimento ou o conhecimento parcial dos princípios filosóficos por parte dos *senseis*, principalmente os mais jovens, esse discurso parece transcender esses aspectos e atravessar os tempos, sendo muito recorrente no tempo presente.

## REFERÊNCIAS

- BRACHT, V. **Educação física e ciência**: cenas de um casamento (in)feliz. Ijuí: Edunijuí, 1999.
- BRACHT, V. Educação física escolar e lazer. In: WERNECK, C. L. G.; ISAYAMA, H. F. (Orgs.). **Lazer, recreação e educação física**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- BRACHT, V. Educação física/ciências do esporte: que ciência é essa? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 14, n. 3, p. 111-118, 1993.
- BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. 3.ed. Ijuí: Edunijuí, 2005.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: Educação Física. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CAVAZANI R. N.; CESANA J.; SILVA L. H.; CRESSONI, F. E. G.; TAVARES JUNIOR A. C.; ARANHA, A. C. M.; DRIGO, A. J. O técnico de judô: um estudo comparativo após 10 anos da regulamentação da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 21, n. 3, p. 105-17, 2013.
- CORREIA, W. R.; FRANCHINI, E. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 1, p. 1-9, 2010.
- DRIGO, A. J. **O judô do modelo artesanal ao modelo científico**: um estudo sobre as lutas, formação profissional e a construção do habitus. 2007. 312f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- DRIGO, A. L.; SOUZA NETO, S.; CESANA, J.; GOMES TOJAL, J. B. A. Artes marciais, formação profissional e escolas de ofício: análise documental do judô brasileiro. **Motricidade**, Florianópolis, v. 7, n. 4, p. 49-62, 2011.
- FUSHIMI, K. **Cultural and historical transformation of judo in the United States and Japan**: is sport dependent on the dominant society? 1992. 195f. Dissertation (Masters Degrees in Philosophy) - Oregon State University, Corvallis, 1992.
- GOODGER, B. C. **The development of judo in britain**: a sociological study. 1981. 441f. Thesis (Doctorate Degrees in Philosophy) - Institute of Education, University of London, London, 1981.
- GOODGER, B.C.; GOODGER, J. M. Judo in the light of theory and sociological research. **International Review of Sport Sociology**, London, v. 12, n. 2, p. 5-34, 1977.
- ISHII, C. **Os pioneiros do judô no Brasil**. São Paulo: Évora, 2015.
- KANO, J. **Energia mental e física**: escritos do fundador do judô. São Paulo: Pensamento, 2008.
- LOBO FILHO, S. **A concepção biologicista na educação física**: o discurso do corpo e suas relações saber e poder. 2003. 164f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2003.

MADURO, L. **A formação e a sua influência no papel do treinador de judô no planejamento dos treinos e nas competições**. 2011. 231f. Tese (Doutorado em Desporto) - Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto, 2011.

MESQUITA, C. **Judô... da reflexão à competição**: o caminho suave. Rio de Janeiro: Interciência, 2014.

PEREIRA, M. P. V. C.; CIRINO, C.; CORRÊA, A. O.; FARIAS, G. O. Lutas na escola: sistematização do conteúdo por meio a teia do conhecimento das lutas em rede. **Conexões**, Campinas, v. 15, n. 3, p. 338-48, 2017.

RAMOS, J. J. **Os exercícios físicos na história e na arte**: do homem primitivo aos nossos dias. São Paulo: Ibrasa, 1982.

RIBEIRO, M. L. S. **História da educação brasileira**. 6.ed. São Paulo: Moraes, 1986.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 13.ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

RUFFONI, R. **Análise metodológica da prática do judô**. 2004. 110f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, 2004.

SANTOS, S. G. **Judô**: buscando o caminho suave. Florianópolis: Duplic, 2014.

SANTOS, S. G.; FIORESE, L.; BABATA, W. K.; UMEDA, O. Y.; OGAWA, C. T. Estudo sobre a aplicação dos princípios judoísticos na aprendizagem do judô. **Revista de Educação Física/UEM**, Maringá, v. 1, n. 1, p. 11-4, 1990.

SILVEIRA, A. M. **O lúdico no ensino do judô no Paraná**: descontinuidades didático-pedagógicas e permanências da educação disciplinar pelos dispositivos de saber-poder. 2017. 134f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Programa de Pós-graduação Associado UEM-UEL, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

SUZUKI, L. **A história do judô no Paraná**. 1994. 134f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 1994.

THOMAS, J.; NELSON, J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

VILLAMÓN, M.; BROWN D.; ESPARTERO, J.; GUTIÉRREZ, C. Reflexive modernization and the disembedding of judo from 1946 to the 2000 Sydney Olympics. **International Review for the Sociology of Sport**, London, v. 39, n. 2, p. 139-56, 2004.

VIRGILIO, S. **A arte do judô**. Campinas: Papirus, 1986.

---

Autor correspondente: **Alexandre Miyaki da Silveira**

E-mail: [amsilveira@uem.br](mailto:amsilveira@uem.br)

Recebido: **30 de janeiro de 2018**.

Aceito: **21 de fevereiro de 2018**.